

DRP: depois de cinco anos, como estamos agora?...¹

Por Robert Chambers² e Irene Guijt³

Quito, Revista Bosques, Árvores e Comunidades Rurais. n. 26, março, 1995. p. 4-15

O uso dos enfoques participativos tem crescido rapidamente nos últimos anos. Novos esforços emocionantes, inovadores e importantes na investigação, planejamento e ação em matéria de desenvolvimento estão evoluindo rapidamente em todo o mundo, porém não sem dificuldades e preocupações. Este artigo resalta alguns temas importantes que têm surgido e está baseado nas idéias e experiências de muitos capacitadores e executores do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) em todo mundo. Não é, de nenhuma maneira, a última palavra sobre DRP, cuja prática está evoluindo de forma demasiadamente rápida para que seja captado apenas como algo de momento. Estamos aprendendo continuamente com as ações e os debates críticos, melhorando nossas capacidades e aafiando nossos pensamentos. À medida que as experiências se difundem e se produzem, assim também aumenta nossa compreensão sobre os temas envolvidos. São bem-vindas as reflexões críticas dos leitores que participam deste processo.

Por que se Desenvolveram o DRR e o DRP?

O Diagnóstico Rural Rápido evoluiu no fim dos anos 1970 e durante os anos 80, e é um dos precursores do Diagnóstico Rápido Participativo. Com as mudanças ocorridas em todo o mundo e uma maior consciência sobre o valor dos conhecimentos locais, a necessidade de informações e entendimentos válidos e oportunos se tornaram cada vez mais evidentes e claros. Após quatro décadas de trabalho pelo "desenvolvimento", apesar dos êxitos isolados, obviamente não se resolveram os problemas. As pesquisas em larga escala, com procedimentos caros, geravam informações que usualmente chegavam tarde, careciam de exatidão e eram pouco utilizadas. O "turismo" do desenvolvimento rural - especialmente as visitas rápidas ao campo com seus viéses antipobreza - foi reconhecido como parte do problema. Os técnicos de fora recolhiam a informação sobre a realidade rural, visitando localidades próximas aos centros urbanos e às estradas principais, muitas vezes em áreas de projetos bem sucedidos, durante a época mais próspera do ano, conversando com os agricultores mais prudentes, quase sempre com os homens.

O defeito destes enfoques está em focalizar apenas a população rural poderosa, de mais alto nível, em sua maioria. As deficiências deste enfoque ajudaram muitos pesquisadores e profissionais de desenvolvimento a reconhecer que nós, como agentes externos à comunidade para a qual se pretende alcançar o desenvolvimento e nossa confiança em nossos próprios conhecimentos, constituímos a maior parte do problema e que a população local, com seus conhecimentos, é o fundamento da solução. O DRR se desenvolveu como um enfoque investigativo para ajudar a minimizar tais riscos, alternativa que se mostrou eficaz, proporcionando informação suficientemente exata e de forma rápida.

No final dos anos 1980, o DRP começou a evoluir na busca de enfoques práticos para a investigação e planejamento que pudessem prestar apoio a um planejamento mais descentralizado e uma tomada de decisão mais democrática, valorizando a diversidade

¹ Tradução de Maria Ruth Freitas Takahashi e Marcos Affonso Ortiz Gomes

² Professor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento na Universidade de Sussex;

³ Integrante da Investigação no Programa de Agricultura Sustentável do IIED. Quito, Revista Bosques, Árvores e Comunidades Rurais. n. 26, março, 1995. p. 4-15

social, trabalhando para a sustentabilidade, aumentando a participação e reforçando o poder da comunidade. O DRP pode ser descrito como um conjunto crescente de enfoques e métodos para permitir que a população local partilhe, aperfeiçoe e analise seus conhecimentos sobre sua vida e condições com o fim de planejar e agir. Na maioria dos casos, o uso do DRP se inicia com a participação de profissionais externos. Mas, quando bem utilizado, o DRP pode capacitar a população local (rural ou urbana) para empreender seu próprio diagnóstico, análise, ação, segmento e evolução. Também pode introduzir melhor a população marginalizada nos processos de planejamento, dando-lhes mais poder sobre próprias vidas.

Tanto o DRR quanto o DRP têm aproveitado as contribuições de um amplo leque de disciplinas. No início dos anos 1980, os enfoques de agroecologistas planejadores do desenvolvimento e geógrafos proporcionaram muitos dos conceitos metodológicos. Desde então, as influências das ciências sociais (antropologia, sociologia, psicologia, administração pública, etc.) e a prática do desenvolvimento comunitário (de diversos campos, principalmente da atenção à saúde e à agricultura) têm dado suas contribuições. A verdadeira base de sua evolução provém das ONGs e alguns organismos governamentais inovadores cuja interação com as população locais motivam as improvisações, adaptações e novos inventos.

QUADRO 1

PRINCÍPIOS BÁSICOS DO DRR E DRP

- os vieses: espacial, de projeto, de pessoa (gênero , elite), estacionais, profissionais , de cortesia;
- aprendizagem rápida e progressiva, flexível , exploratória, interativa e criativa;
- inversão de papéis: aprendendo deles, com eles e para eles, averiguando e utilizando seus critérios e suas categorias e localizando, compreendendo, e valorizando os conhecimentos da população local;
- ignorar intencionalmente e imprecisão apropriada. Não investigar mais do que se necessita e não medir quando comparar é suficiente. Somos formados para realizar medidas absolutas, no entanto, o que se quer é identificar as tendências, qualificar e priorizar;
- triangulação – utilizar diferentes métodos, fontes, disciplinas e uma gama de informações de vários lugares;
- realizar verificação cruzada para conferir a verdade mediante aproximações sucessivas;
- aprendizagem direta dos investigadores principais, da população local e com a população local;
- buscar a diversidade e as diferenças.

Muitos métodos têm sido desenvolvidos, como a elaboração participativa de mapas, matrizes, ordenamento de níveis de bem-estar, diagramação de causas e vinculações, e têm sido combinados com muitas seqüências e numa assombrosa gama de aplicações. Estas experiências têm mostrado claramente que há vantagens nos métodos flexíveis em vez dos rígidos, baseados em análise grupal e não individual, e que façam comparação antes de medir. Um elemento importante de aprendizagem para os técnicos de fora tem sido que a população local tem uma capacidade muito maior para utilizar estes métodos e realizar sua própria análise do que se havia suposto. Ao lado dos princípios básicos do DRR e do DRP, as experiências mais recentes de DRP sugerem alguns princípios chaves adicionais:

- **facilitação** - a importância de boa habilidade para facilitação, com a finalidade de permitir que a população local se aproprie da maior parte ou da totalidade da investigação, da elaboração de mapas, diagramação, ordenamento, qualificação, quantificação, análise, apresentação, planejamento, por sua própria conta, para serem donos dos resultados. A análise que eles realizam, partilham com os agentes externos, assim como a informação permanecem com aqueles que a geraram e será utilizada fora da comunidade unicamente com a sua permissão;
- **compartilhar** - o hábito de compartilhar informações, métodos e dados, experiências de campo entre as ONGs, governo e população local, sem insistir em ser o proprietário das idéias e informações que são comuns para grande parte do trabalho de desenvolvimento;
- **comportamento e atitudes** - o comportamento e as atitudes dos facilitadores externos são de importância primordial, mais importantes que os métodos. E, na realidade, os capacitadores e executores do DRP dão ênfase crescente às condutas e atitudes pessoais. Estas atitudes tão importantes incluem: auto-consciência crítica e capacidade para reconhecer e aproveitar os erros, parar para ouvir e aprender, evitar proferir palestras magistrais, mas dar a palavra aos camponeses, que são os principais mestres e analistas, tendo confiança de que eles podem fazê-lo; realizar uma intervenção tranqüila e aberta.

Isto significa pedir à população local que ajude aos de fora a aprender, respeitando-a. A autocrítica implica em aprender com as dúvidas, reconhecer e tirar lições dos erros, esforçar-se continuamente para melhorar e incorporar o aprendizado ativo e o aprimoramento em cada experiência.

Tudo isto implica numa mudança profissional significativa e, em muitos casos, pessoal, e requer grande esforço dos capacitadores de DRP. Significa que os técnicos devem dedicar tempo suficiente para refletir sobre como seus papéis nas interações comunitárias vão mudando e sobre o que devem aprender ou deixar de fazer e se a população local está se beneficiando com isto. Além disso, os membros da comunidade devem adaptar-se às regras novas e mais poderosas, abandonando a imagem dos benefícios assistencialistas e a dependência de atividades dirigidas pelos agentes externos.

DRR E DRP

O DRP e o DRR são muito diferentes, apesar das semelhanças dos métodos utilizados. A diferença está nos propósitos e nos processos de cada um. O DRR surgiu para conseguir que os agentes externos aprendam, e continua sendo a melhor maneira. Permite que os agentes de fora obtenham informações e compreendam a população e as condições locais. Esta informação é um apoio importante para o seu próprio planejamento, para que possam responder mais eficazmente às necessidades e prioridades da população a que devem servir. Quanto maior a compreensão da realidade local por parte dos formuladores de decisões e políticas, melhor será a resposta. Os métodos participativos, como por exemplo a elaboração conjunta de mapas, podem fazer parte de um DRR; no entanto, a ênfase do exercício de DRR está na coleta de informações locais. A análise é realizada pelo agente externo, mais tarde, longe da área de estudo.

O DRP evoluiu de tal maneira que geralmente capacita a população local para mudar sua própria condição e situação. Pretende capacitar a população local para realizar sua própria análise e, freqüentemente, para planejar e realizar ações. Portanto, significa mais do que um exercício único e breve no campo. Significa transformar os antigos papéis de dependência e reconhecer os camponeses - tantos os homens como as

mulheres - como analistas, planejadores e organizadores ativos. O exercício de DRP no campo não é só para gerar informações ou idéias, mas também para uma análise e um aprendizado por parte da população local; implica dar forma ao processo de participação, discussão e comunicação, e resolução dos conflitos. Isto significa que o processo cresce e evolui com base nos elementos específicos do contexto local.

QUADRO 2

O DRP é um processo de aprendizagem. O trabalho de Redd Barna com o DRP em Kyabatebee Akoboi, na Uganda, se fundamenta no objetivo de compreender e abordar as diversidades e diferenças dos grupos comuns na execução nos Planos de Ação Comunitária. O trabalho se realizou com 5 grupos comunitários: mulheres jovens (a maioria mães solteiras), mulheres adultas, rapazes e homens adultos e - um grupo importante - crianças. O que parece essencial até aqui, entre estes grupos, é criar uma ordem de importância e de prioridade de cada grupo para que, por exemplo, os homens adultos não se oponham às necessidades percebidas pelas mulheres jovens, com relação às atividades comunitárias de planejamento familiar. O enfoque da Redd Barna evolui até num processo de múltiplas etapas, através do diálogo com e entre estes grupos sociais, com duas ou três semanas entre cada etapa.

1º passo – O uso inicial, no campo, dos métodos do DRP para iniciar a análise da situação com os 5 grupos, com os agentes governamentais da extensão que trabalham em e com estas comunidades, e com o pessoal da Redd Barna (todos ligados ao Conselho Nacional da Criança).

2º passo – Aprofundar o diálogo, identificar as pessoas que não participam e procurar incluí-las aos grupos existentes, quando for o caso. É provável que sejam necessários grupos de discussão, separadamente, quando a integração não parece possível, a critério da população local.

3º passo – Elaborar prioridades e planos iniciais de ação grupal de cada grupo (GAPPs).

4º passo – Compartilhar estes planos iniciais com os grupos, para que todos tenham a oportunidade de conhecê-los, analisá-los, criticá-los e, se necessário, reencontrar as prioridades dos demais para poder chegar a uma maior compreensão da diversidade de insatisfações locais e, sobretudo, a validade de todos elas. Isto quer dizer que existem cinco grupos de GAPPs que interagem e dialogam, dentro dos grupos ou de forma isolada.

5º passo – Revisar, sempre que necessário, os GAPPs, para compreender as necessidades e prioridades dos outros grupos.

6º passo - Reunião dos representantes dos 5 grupos para reunir os GAPPs num Plano de Ação Comunitária ou projeto que deverá ser apresentado para financiamento. Nesta reunião se identifica o seguinte: áreas de interesses totalmente comuns (em que os 5 grupos expressam uma necessidade); áreas de interesse parcialmente comuns (em que dois ou quatro grupos têm necessidades que coincidem em alguns aspectos) e áreas de interesse único (com necessidades próprias para cada determinado grupo). Isto aponta para a ação coletiva nas áreas de interesse comum, enquanto valoriza as necessidades específicas e somente o grupo que as expressa atuará sobre elas, se for necessário fazê-lo.

Isto não quer dizer que os agentes externos não sejam importantes e que não participem dos debates durante um processo de DRP. Também são ativos, do mesmo modo que outros grupos de interesse, e têm suas opiniões e idéias. Mas os agentes externos têm um papel a desempenhar, sobretudo o de facilitar estas análises para os membros da comunidade. Para consegui-lo, precisam aprender a calar-se, estimular e

fomentar a confiança, especialmente no início, restringir seu desejo de mostrar suas próprias idéias. É uma questão sutil de poder educativo e de incentivo ao desenvolvimento da análise e à tomada de decisões de forma consciente em toda oportunidade possível.

Isto significa que a análise no trabalho baseado no DRP não focaliza somente os dados recolhidos, mas também uma reflexão sobre o processo. Os processos são tão importantes na realização de um plano de ação comunitária quanto os dados. Os processos não têm princípio e fim durante um exercício breve no campo e nem sempre são fáceis de entender. Este entendimento se acumula a longo prazo. O próprio DRP faz parte do processo de desenvolvimento do poder local. Aprender a ver este processo como um dos produtos do DRP significa uma reorientação para os trabalhadores do campo. É preciso melhorar a capacidade de enxergá-lo para facilitar-lhes, quando necessário, o que implica que os processos de DRP sejam algo que se usa dentro de um período maior.

Deste modo, os enfoques participativos não são produto de um diálogo de longo prazo e interação conhecida, mas uma parte deles. No entanto, ambos os organismos (agentes externos e atores sociais locais) são tão inocentes que supõem que um breve exercício participativo com um grupo de pessoas levará a mudanças positivas e duradouras. Nenhum enfoque participativo oferece solução rápida para os problemas complexos. Não existe atalho. O primeiro encontro participativo entre um organismo facilitador externo e uma comunidade deve ser considerado como o início e não como o fim numa jornada longa e complexa, mas de mútuos benefícios, como a análise conjunta, a consciência autocrítica, o fortalecimento da capacidade e a mobilização de recursos. É um processo de aprendizagem que desenvolve e promove novos métodos e mudanças nas atitudes, condutas, normas, capacidades e procedimentos, tanto dentro do organismo como dentro da comunidade (Quadro 2).

Por que o DRP se Difunde tão Rapidamente?

O DRP responde a uma necessidade amplamente percebida que parece transpor as fronteiras das disciplinas e da geografia. Ainda que tenha se desenvolvido principalmente na Ásia, África e América Latina, seus enfoques estão se difundindo e sendo utilizados também na Europa e na Austrália. Alguns falam, inclusive, de uma revolução dos métodos e ações para a investigação local (rural e urbana).

Bem sucedidos, com uma boa relação de trabalho, estes enfoques e métodos funcionam bem, integrando a população local em sua própria análise e planejamento, conduzindo à ação e fazendo com que os agentes externos também compreendam. A experiência poderá ser agradável para todos os seus atores. Porém, muitos dos que têm tido a oportunidade de participar de um DRP (em muitos casos, um exercício de capacitação), não só se sentiram bem, mas também abriram os olhos. Muitas oportunidades perdidas se tornaram recuperáveis à medida que foram revelados os conhecimentos e a capacidade das comunidades locais para contribuir com seu próprio desenvolvimento (como se pudesse ser de outra forma).

Não só os financiadores mas também os organizadores governamentais, institutos de capacitação e universidades vêem as oportunidades inerentes ao DRP e estão solicitando capacitação, e utilizando e desenvolvendo as variantes do DRP. O trabalho com base no DRP tem se realizado em quase todos os campos da ação e do desenvolvimento locais, incluindo o planejamento comunitário, o desenvolvimento e gestão das bacias hidrográficas, desenvolvimento florestal social, a recuperação de nascentes, os programas femininos, crédito, seleção (e dispensa) de agentes comunitários, programas de saúde, água e saneamento, pecuária, investigação e extensão agrícolas, programas emergenciais, segurança alimentar, desenvolvimento institucional e capacitação de pessoal dedicado ao trabalho do desenvolvimento. Os

institutos de capacitação têm interesse em adotar e adaptar o enfoque e os métodos para o trabalho de campo e para a experiência no campo com seus alunos. As universidades demoraram para se interessar mas agora isso está mudando rapidamente.

Os executores e capacitadores de DRP têm colocado, em geral, forte ênfase em compartilhar as experiências, de modo que muitas relações em redes informais têm ajudado a difundir este enfoque rapidamente. As oficinas para experiências de aprendizagem têm sido realizadas em muitos lugares e países. Por exemplo, foram realizadas cinco oficinas internacionais em países do Hemisfério Sul, quatro na Índia e uma em Sri Lanka, elaboradas por organismos como Action Aid, AKRSP, MYRADA, OUTREACH e Self HELP Support Programme (Intercoperacion). Os participantes eram de mais de 20 países da Ásia, África e América Latina. Hospedaram-se em aldeias, deram orientações sobre o uso dos métodos do DRP e compartilharam suas experiências. Atualmente existem planos para mais workshops de âmbito regional, incluindo o México e as Filipinas.

À medida que mais pessoas utilizam estes enfoques, cresce a necessidade de trocas de experiências e idéias. As redes formais e informais estão crescendo no âmbito nacional e regional, e muitos se esforçam para documentar e partilhar suas experiências pessoais.

QUADRO 3

CAIXA DE FERRAMENTAS

- Encontrar e revisar criticamente os dados secundários. Podem ser enganosos. Também podem ajudar bastante, especialmente nas etapas iniciais, como, por exemplo, decidir para onde ir e onde existem brechas ou contradições na compreensão.
- Observar diretamente (ver com seus próprios olhos). Isto pode ser mais eficaz quando combinado com uma consciência autocrítica dos pontos de vista pessoais que constituem o resultado da nossa educação e antecedentes específicos, fazendo-se um esforço consciente para compensá-los.
- Buscar os especialistas sobre os temas específicos. Isto é tão óbvio, mas às vezes desprezado, talvez porque o agente externo entenda que não existe especificidade. Por exemplo: quais os mecanismos para o manejo/resolução de conflitos que existem e quem, na comunidade, está esclarecido sobre eles?
- Explorações-chave. Perguntas que podem levar diretamente aos temas-chave, novamente com base na suposição de que a população local está fazendo algo. Por exemplo: quais novas práticas têm experimentado, vocês e outros nesta comunidade, nos últimos anos? O que acontece quando a casa de alguém se incendia?
- Estudos de caso e particularidades. Uma história, um perfil familiar, uma granja típica, enfrentar uma crise, como se resolveu um conflito.
- Grupos. Casuais, encontros por acaso, grupos de enfoque, grupos representativos ou estruturados para buscar objetivos específicos, grupos comunitários, de vizinhança ou grupo social específico ou formal. Frequentemente as entrevistas grupais são poderosas e eficientes, mas relativamente esquecidas, talvez pelo enfoque contínuo sobre os métodos quantitativos baseados em questionários individuais.
- Observem vocês mesmos. Inversão de posições, com a população local como especialistas e os agentes externos como não-conhecedores. Os moradores supervisionam e demonstram suas habilidades (buscar lenha, cortar e transportar pastagem para silo, nivelar o campo, transplantar, desmatar, construir uma cabana), permitindo assim que os demais aprendam sobre suas realidades, necessidades e prioridades.
- Mapas e modelos. A elaboração (popular) de mapas, desenhando e pintando no solo, com pedras, gravetos e sementes, etc., para representar modelos sociais, demográficos ou de saúde (de uma aldeia ou de um bairro), mapas dos recursos da terra ou dos bosques da comunidade, mapas dos campos, das granjas, das hortas familiares, mapas temáticos (para a água, para o solo, as árvores, etc.), mapas de serviços e oportunidades, e modelos tridimensionais de bacias hidrográficas, etc. Estes métodos têm sido dos mais utilizados e podem ser combinados com os apresentados na lista para alcançar e hierarquizar o bem-estar e transcrever e estabelecer vinculações.
- Análise local das fontes secundárias. Análise participativa de fotografias aéreas (em muitos casos, a melhor escala é de 1:5000) para identificar os tipos de solo, condições da terra, tendências da mesma, etc.; também podem ser usadas imagens de satélite.
- Caminhadas transversais. Caminhar sistematicamente com os informantes-chave por uma região, observando, perguntando, conversando, aprendendo sobre as diferentes áreas, tecnologias locais, tecnologias introduzidas, buscando

problemas, soluções, oportunidades e fazendo croquis ou diagramas de recursos e resultados. Os cortes transversais tomam muitas formas: verticais, em círculo, por uma extensão de água e, às vezes, até no fundo do mar.

- Cronogramas e análises de tendências e mudanças. Calendário de eventos, enumerando as principais datas locais; descrições do passado feitas pelos próprios moradores, sobre como os costumes, práticas e coisas íntimas para eles têm mudado; etnobiografias - histórias locais de uma colheita, um animal, uma árvore, uma praga, uma doença - diagramas e mapas que mostram histórias ecológicas, modificações no uso do solo e os padrões de colheitas, população, migração, uso de combustíveis, educação, saúde, crédito e as causas das mudanças e tendências, constantemente avaliando sua relativa importância.
- Calendários sazonais. Distribuição dos períodos de chuvas, quantidade de chuva ou de umidade no solo, cultivo, trabalho das crianças, mulheres e homens dentro e fora da lavoura, dieta, consumo de alimentos, doenças, preços, migração, imigração, etc.
- Análise do uso diário do tempo. Indicando as quantidades relativas do tempo, avaliação de quão pesada é cada tarefa, etc.; as atividades poderiam refletir, às vezes, as variações sazonais.
- Diagrama institucionais ou de Venn. Identificar os indivíduos e instituições importantes em e para a comunidade ou grupo, ou dentro de uma organização e suas relações.
- Diagramas de vinculação. De fluxos, conexões e causas. Isto tem sido utilizado para o mercado, fluxo de nutrientes em granjas, migração, contatos sociais, impactos de intervenções e tendências, etc.
- Agrupamentos de qualidade de vida (ou ordenamento de riqueza, agrupamento ou ordenamento de lugares, segundo critérios locais, incluindo os que são considerados mais pobres e vulneráveis). Um bom ponto de partida para diálogos sobre as formas como os pobres ganham o sustento e como conseguem sobreviver.
- Qualificação matricial e hierarquização. Especialmente utilizando matrizes e sementes, para comparar, mediante a qualificação, por exemplo, de diferentes árvores, solos ou métodos de conservação do solo e da água, variedades de um cultivo ou de animais, campos em uma granja, pestes, pragas, condições em diferentes épocas, e para expressar preferências.
- Contratos e interações de equipes. Contratos elaborados por equipes com normas estabelecidas de conduta, modos de interação entre as equipes, incluindo troca de parceiros, diálogos noturnos, crítica e ajuda mútuas, como comportar-se no campo, etc. (a equipe pode ser apenas de agentes externos, ou de pessoas do local ou mista).
- Apresentação e análises compartilhadas. Mapas, diagramas e conclusões são apresentados pelos agentes locais ou externos, especialmente em reuniões comunitárias, e se interconectam e são analisados. Chuvas de idéias, especialmente em reuniões conjuntas com a população local. Mas, quem falará? Quando falará? Quem domina a conversação? Quem interrompe a quem? De quem são as idéias predominantes? Quem explica para os demais?
- Comparações contrastantes. Pedir ao grupo A que compare com o grupo B e vice-versa. Isto tem sido utilizado para conscientização de gênero, solicitando aos homens que analisem como as mulheres gastam o seu tempo.
- Dramatizações e filmagens participativas sobre temas-chave. Para fixar a análise

dos problemas e explorar suas soluções .

Notas – Estas e outras ferramentas, com exemplificação de como usar, estão no livro ED Participatory Learning and Action: A Trainer's Guide.

Partindo do pressuposto de que não existe somente uma resposta correta que pode aplicar-se a todos os casos, o DRP estimula a criatividade. As pessoas, locais ou não, vêm desenvolvendo suas próprias variedades de métodos, seqüências e processos como está fazendo Reed Barna. A lista de enfoques e métodos é longa e continua crescendo (Quadro 3), proporcionando aos executores um vasto menu, a partir do qual podem escolher, provar e explorar. Alguns dos métodos são questão de sentido comum. Outros são engenhosos e não óbvios. Alguns são bastante sensíveis, outros não. A rapidez das inovações faz com que seja impossível mantê-la atualizada.

Mas, se as atitudes são rígidas e enfocam o emprego dos métodos de forma mecânica, muitos não apresentarão bons resultados. Quando as atitudes são abertas e são baseadas na qualidade dos processos e das relações pessoais, então surgem novas oportunidades. Com atitudes e condutas apropriadas, cada situação específica proporciona uma gama de possibilidades para adaptar ou inventar novas variações.

As Oportunidades

Um dos pontos forte do DRP é que muitos métodos são visuais e, portanto, acessíveis a um maior número de pessoas. Os debates que geram, por sua vez, estimulam a improvisação, produzindo novas combinações e aplicações. Os métodos visuais podem resumir-se em seis principais atividades: mapas e modelos, seqüenciamento cronológico, enumeração, classificação e ordenamento; utilização de objetos (sementes, pedras, paus, etc.) para contar, estimar e qualificar, vincular ou relacionar. Estas atividades combinam-se em muitas diferentes seqüências e freqüentemente são utilizados dois ou três juntos. Em uma matriz de necessidades e suas características relativas, as populações locais no Senegal, combinaram o seqüenciamento das necessidades, a enumeração de suas características e qualificação de sua intensidade. Em mapas de suas granjas, agricultores do Quênia traçaram linhas de vinculação para os fluxos de nutrientes, a partir das fossas de compostagem e logo colocaram sementes sobre as linhas para indicar o volume e a importância de cada fluxo. Um agricultor do Vietnã enumerou as causas e os efeitos do desmatamento em etiquetas, distribuiu-as no solo, qualificou cada etiqueta segundo a importância das sementes e também colocou etiquetas ao redor do círculo de desmatamento para indicar sua contribuição relativa. Um grupo de pastores da Somália enumerou 25 fontes de água que haviam melhorado e 45 critérios para avaliar sua qualidade e utilidade. Também qualificaram cada critério sobre dez na resultante matriz, com duas pontuações em cada casa: uma para antes do melhoramento e outra para depois. Como surgiram estes exemplos utilizando sementes, quanto mais se utilizam as atividades visuais em combinações, mais se poderá envolver a população local e melhor se poderá analisar seus critérios a respeito da diversidade e complexidade de sua realidade.

Os relatos sobre o uso eficaz das combinações e seqüências de métodos para conseguir o apoio de todas as pessoas envolvidas são numerosos. As próprias palavras dos membros da comunidade captam o poder destes enfoques:

- *“No começo pensava que apenas era divertido, mas agora vejo como o mapa nos ajudou a gerar um diálogo sobre os nossos problemas.”⁴*

⁴ de “Son les arbres jóvenes los que hacen que um bosque sea tupido” de I. Guijt, ^a Fugelsang, T. Kisadha.

- *“Nunca supus que até você (referindo-se a outro homem do grupo de aspecto mais simples) poderia falar em público.”⁴*
- *Não estou de acordo com o que está representado no diagrama. Não fui à escola, mas não sou necessariamente pobre.”⁴*
- *Isto é simplesmente assombroso. Conhecemos cada parte porque faz parte da nossa existência. Mas, nunca pensamos assim, de forma coletiva. Esta é a nossa vida, e nossa história.”⁵*

QUADRO 4

O DRP PODE LEVAR À AÇÃO?

Os facilitadores ficam surpreendidos com a capacidade de análise da população local. Os camponeses de Buwolomera fizeram um mapa social que indicava como a aldeia era densamente povoada. Então, passaram a analisar as causas disso. Examinaram cada lugar e logo produziram três grupos de fertilidade: homens adultos, mulheres casadas e mulheres solteiras. Uma análise adicional dos casos reais relevou que para 10 crianças da comunidade a relação de contribuição era 7:2:1 para os homens adultos, mulheres casadas e mulheres solteiras, respectivamente. Concluíram que os homens haviam feito "uma festa com as esposas, as amantes e as amigas", para citar as palavras de um aldeão. A comunidade compreendeu que o planejamento familiar poderia ser um remédio, mas desta vez deveria envolver os homens. Ao final das apresentações, as mulheres a quem o Conselho de Planificação Familiar havia pedido que se inscrevessem candidatas aos cursos de Educação de Vida Familiar, mas que não haviam respondido, aproveitaram esta oportunidade para selecionar as candidatas. Isto é um exemplo de como o autodescobrimento e a autocompreensão podem desencadear uma ação instantânea.

Nota - Ben Osuga y David Mutaysa, Fevereiro de 1994 - Lecciones y preocupaciones del DRP, experiencias em Uganda, memorando inédito.

Benefícios e Resultados

Alguns dos benefícios do uso do DRP incluem o seguinte:

- Criar mais poder para os pobres e excluídos. Permitir que um grupo (trabalhadores, mulheres, mulheres pobres, uma comunidade de pequenos agricultores, etc.) analise por sua conta suas condições, dando-lhes a confiança para expressar e respaldar suas prioridades, apresentar propostas, planejar demandas e desenvolver ações, promovendo programas participativos, sustentáveis e eficazes;
- Diversificação. Estimular e permitir a expressão e exploração da diversidade local em programas que, de outra maneira, seriam programas normais. Programas específicos, como o da Redd Barna (Quadro 5), que tem que ser elaborado para buscar, valorizar e incorporar esta diversidade no trabalho posterior. Uma grande limitação de muitos trabalhos até agora com DRP é a tendência a buscar critérios divergentes para logo comprimi-los todos na "perspectiva comunitária". Raras vezes ou nunca haverá apenas uma perspectiva comunitária para algum tema. Isso ocultaria as diferenças-chaves e poderia fazer com que a ação resultante beneficie apenas alguns poucos.
- O processo comunitário. Este inclui, em teoria, a identificação, diagnóstico, planificação, execução, seguimento e evolução, tudo de forma participativa.

⁵ de "Sustento, ganado y cambio: la versatilidad y riquezas da matrices históricas" por m. Freudenberg y Schoonmaker Freudenberg, RRA notes 21.

Novamente, nada disso ocorre automática e magicamente. São necessários esforços para ir além da etapa do diagnóstico, e tais esforços têm sido feitos em apenas um número reduzido de organizações.

- Prioridades de investigação. A identificação de prioridades para a investigação e o início da investigação participativa tem sido um campo importante de mudanças positivas, especialmente para as ciências exatas, que são mais receptivas aos conhecimentos locais e à capacidade dos camponeses para desenhar, realizar e avaliar seus próprios experimentos.
- Mudanças organizacionais. Estas estão ocorrendo com uma reorientação dos estudantes, de trabalhadores de ONGs, agentes governamentais, de universidades e de institutos de capacitação para uma cultura de aprendizagem aberta entre si e com os membros das comunidades. A aprendizagem direta e a atualização para os profissionais e funcionários de alto nível, especialmente aqueles mais envolvidos nas oficinas centrais de suas organizações, estão realizando, permitindo que mudem sua compreensão das realidades comunitárias e suas atitudes com estas realidades.
- Revisão de políticas. Isso está acontecendo, em alguns casos, com a mudança e adaptação de políticas, mediante uma compreensão nova, oportuna e exata, com base em diálogos e processos de planejamento no campo. As mudanças políticas estão ocorrendo dentro das organizações e em diferentes níveis de governo: local, regional e nacional.

Um exemplo é o Diagnóstico Participativo da Pobreza em Zâmbia, que utilizou os métodos do DRP em comunidades representativas e deu origem a constatações que têm levado a mudanças na política nacional.

QUADRO 5

SEIS MESES MAIS TARDE.

Quando Reed Barna regressou a Kyakatebe, seis meses depois do início do primeiro trabalho com DRP, reuniu-se com quem tinha participado durante todo o processo, para analisar o impacto inicial. As conversas com moças e rapazes, mulheres e homens adultos centraram-se nos diagramas de fluxo sobre os impactos das diferentes atividades que haviam sido realizadas. Suas reflexões abrangeram uma ampla gama de benefícios, desde as questões políticas até as que têm a ver com os processos de mudanças sociais.

“As novas aulas melhoradas são muito mais claras, há menos dúvidas, e as crianças estão mais saudáveis” (mulheres jovens e adultas e homens adultos).

“Tenho mais conhecimentos sobre a variedade de grupos que estão fazendo coisas em minha comunidade” (rapazes e mulheres adultas).

“Agora vejo sentido em participar da reabilitação escolar porque, afinal de contas, todos os pais terão que pagar” (mulheres e homens).

Além disso, a Reed Barna soube que o extensionista agrícola responsável por Kyakatebe havia sido eleito como o melhor oficial de extensão de todo o distrito de Masaka. Ele foi um participante ativo no trabalho de campo de DRP, o que o ajudou a ver mais claramente suas responsabilidades e as verdadeiras necessidades das mulheres e dos homens agricultores em matéria de extensão.

Os Desafios

Parece que não há dúvida sobre a eficácia destes enfoques participativos. Isto tem produzido como resultado um maior interesse por parte dos financiadores, organizações governamentais e ONGs que estão solicitando atualmente, inclusive estão exigindo, que se utilize o DRP em seus programas e projetos. Isso possibilita tanto oportunidades quanto perigos. As oportunidades, para iniciar e sustentar processos de mudanças, dão mais poder à população local e às comunidades marginalizadas, transformam as organizações e reorientam os indivíduos.

Porém, os perigos e dificuldades constituem os verdadeiros desafios. Muito tem sido exigido, muito rápido e com pouca compreensão do processo participativo e suas implicações. Algumas preocupações têm surgido quanto:

- a necessidade de reconhecer e trabalhar com as responsabilidades pessoais e ética profissional, como, por exemplo, desenvolver uma atitude de autocrítica e buscar as avaliações dos colegas;
- a interação com os membros da comunidade, o que requer enfrentar questões de ética e equidade, e uma consideração cuidadosa das condições prévias para o compromisso, a prática, o apoio e a capacitação dos recursos humanos locais;
- a necessidade de que as organizações participantes assegurem um compromisso a longo prazo com o processo, adaptem sua cultura organizativa, seus estilos gerenciais, incentivos e procedimentos, e busquem ativamente vínculos externos;
- a qualidade de uma capacitação, que perde de vista a análise das diferenças sociais e a importância da conduta, quase sempre acontece como um evento único e isolado;
- as demandas contraditórias dos financiadores: resultados rápidos e visíveis, porém com o desenvolvimento participativo, que é lento. Com as pressões dos

financiadores e governos para desembolsar os fundos e alcançar os objetivos, a participação fica debilitada e é destruída;

- a necessidade de mais trocas de experiências boas e más e trabalho em rede;
- em que pese seu poder, quando é realizado corretamente, o DRP não é um remédio rápido para problemas complexos, como muitos gostariam que fosse. As implicações dessa nova maneira de trabalhar, que dá mais ênfase aos processos do que aos resultados, à diversidade do que à uniformidade, às atitudes do que aos objetivos quantificáveis, nem sempre têm sido levadas à sério por vários atores envolvidos. Desafortunadamente, a busca contínua por remédios rápidos tem permitido que muitos mitos criem raízes, mitos que estão solapando o próprio espírito do DRP e suas potencialidades.

QUADRO 6

COM QUEM NÃO NOS REUNIMOS? QUEM NÃO ESCUTAMOS?... O PROCESSO CONTINUA.

Quando os integrantes do Redd Barna regressaram a Kyakatebe para as discussões sobre o impacto inicial, também se reuniram com um grupo de pessoas que haviam sido selecionadas mediante uma classificação de níveis de bem-estar realizada anteriormente: a população dos 50 lugares mais pobres, cujas crianças não freqüentavam a escola e não haviam participado no processo de DRP. O diálogo com eles centralizou as limitações que os impediam de participar nesse tipo de processo. Seus comentários sobre o que tinham aprendido da conversa incluíam:

“A menos que me venham ajudar, não assisto. Nem sequer vou às reuniões do Comitê de Resistência. Mas essa reunião me fez compreender a importância de participar destas reuniões”.

“Agora sei que, se quero que me ajudem, também devo contribuir com meu próprio bem-estar.”

“Sempre que alguém se reúne com os outros, descobre idéias melhores que as suas. Esta reunião acrescentou-me conhecimentos e me fez compreender o processo deste lugar.”

Dez Mitos Sobre o DRP

- Que é rápido - Apesar de muitos métodos associados ao DRP serem relativamente rápidos e eficazes para estimular o diálogo, a análise e a aprendizagem conjuntas, os processos de desenvolvimento participativo são lentos e difíceis.
- Que é fácil - Os métodos do DRP parecem ser fáceis e atrativos, o que explica, em parte, sua popularidade. São úteis para muitas pessoas, desde camponeses até executores de desenvolvimento e acadêmicos. Mas, inclusive os especialistas que têm trabalhado com o DRP sabem que o êxito deste enfoque requer muitas outras habilidades, especialmente nas áreas de comunicação, facilitação e negociação de conflitos.
- Que qualquer um pode fazê-lo - Qualquer um pode ajudar a elaborar um croqui ou realizar uma qualificação matricial com algum grau de êxito, mas isto não quer dizer que a aprendizagem tenha ocorrido, ou que provocaria as mudanças. Utilizar a linguagem da participação, como fazem muitos grupos consultores e as grandes burocracias da cooperação, para o desenvolvimento, não quer dizer que o trabalho de campo terá êxito. É necessário abordar também os temas

mais amplos das mudanças organizacionais, os sistemas de gestão e de subsídios, a conduta do pessoal, a ética e as responsabilidades.

- Que não é mais do que alguns “métodos sofisticados” - A imagem popular e visível do DRP consiste na gama de métodos que surgiram na última década, os quais têm demonstrado serem eficazes e amplamente aplicáveis. No entanto, os métodos representam apenas uma parte da mudança mais ampla que está ocorrendo dentro dos organismos governamentais e não governamentais. Isto tem implicações mais profundas. Além dos métodos participativos, parece que as condições para o êxito incluem um ambiente aberto para a aprendizagem dentro das organizações e políticas, procedimentos e culturas institucionais que estimulem a inovação.
- Que se baseia na perspectiva de disciplinas específicas - O DRP surgiu das experiências práticas no campo e não em uma universidade. Os principais inovadores têm sido trabalhadores rurais e as populações dos países do terceiro mundo (mas também cada vez mais dos países do norte). O DRP tem aproveitado e combinado elementos de várias perspectivas disciplinares. A falta de um enfoque disciplinar convencional tem sido considerado um pouco rigorosa e impúblicável e a natureza experimental e interativa do DRP tem parecido amenizada para alguns acadêmicos. Mesmo que os estudantes estejam estão utilizando os métodos do DRP cada vez mais, às vezes os professores resistem a ele. As universidades são as últimas a incorporar os enfoques participativos em seus cursos.
- Que não tem fundamento teórico - Usualmente se associa o DRP às situações práticas e com profissionais dedicados às atividades práticas do desenvolvimento. Mas isto não quer dizer que careça de um rico fundamento teórico. O DRP baseia-se num enfoque de investigação/ação, no qual a teoria e a prática se desafiam constantemente através da experiência, reflexão e aprendizagem. A valorização da teoria sobre a prática, na maioria das disciplinas acadêmicas (como no caso do economista preocupado que não consegue dormir porque o que funciona na teoria nem sempre tem resultado prático) significa que os enfoques de DRP orientados à prática nem sempre são levados a sério. No entanto, o trabalho técnico recente demonstra que os enfoques participativos proporcionam profundas interrogações filosóficas que são importantes para os debates nas ciências sociais.
- Que é simplesmente o mesmo vinho velho em novas garrafas - O DRP, para se desenvolver, inspirou-se em múltiplas fontes, e não é simplesmente a mesma coisa. Assim como no caso de todas as importantes mudanças no pensamento e na prática, o DRP está unindo os debates e práticas de todas as tendências de uma maneira mais inovadora. Sua ênfase na livre visualização e na improvisação contínua contrasta com os demais enfoques que utilizam diagramas previamente determinados de forma mecânica. Seu enfoque nas atitudes e condutas dos agentes externos contrasta com os enfoques que abandonam esse aspecto chave da interação local. A extensa gama de aplicações na investigação e planejamento, com relação, por exemplo, à posse da terra, à AIDS, ao planejamento urbano, à gestão dos recursos rurais ou à violência doméstica e ao intercâmbio posterior das experiências, enriquecem o desenvolvimento metodológico. Consequentemente, é adaptável a diversos contextos e os resultados são acessíveis e aceitáveis por uma ampla gama de profissionais do desenvolvimento.
- Que a capacitação é resposta para tudo - Uma resposta comum para idéias “novas” é capacitar todo o mundo para sua aplicação. A demanda de capacitação em DRP é fenomenal. Isto acarreta vários riscos. Em primeiro lugar, os capacitadores pouco experimentados estão colocando em risco a qualidade

da capacitação e, portanto, da prática posterior. Em segundo lugar, apenas um curso de capacitação não assegura uma seqüência apropriada. Com muita freqüência, as organizações não têm explorado as implicações para si em termos de apoio após a capacitação. Uma capacitação bem feita exige que se fomentem as novas maneiras de aprender dentro das próprias organizações. Os cursos de capacitação são apenas uma parte da resposta.

- Que a população participante é neutra - O mito do investigador ou executor de desenvolvimento neutro, desprendido e observador é incorreto. As pessoas nunca são neutras, sejam principiantes locais ou agentes externos. Todos, inevitavelmente, são participantes de alguma maneira e estas leis e implicações precisam ser compreendidas. Isto incidirá na informação coletada e nas análises realizadas. No desenvolvimento participativo, todos são responsáveis pelas suas próprias ações. As implicações políticas e éticas da investigação-ação participativa devem ser tratadas e respondidas, portanto, de forma aberta.
- Que não é político - As ações de pessoas dedicadas à investigação ou desenvolvimento participativo têm conseqüências que são, em sentido mais amplo, políticas. Poder, controle e autoridade são todos parte de processos participativos. Podem surgir conflitos, disputas e tensões com a participação num processo semelhante, podendo ser perigoso não levá-los em consideração. Todos devem estar conscientes dos elementos de poder e controle, disputa e conflito que fazem parte de um enfoque para o desenvolvimento mediante a investigação-ação. Todos os participantes devem aprender e preparar-se para enfrentar esses aspectos, o que pode implicar em adotar a posição de um lado ou de outro, ou assumir um papel de mediação ou de negociação. Todos estes atos são políticos.

Conclusões

Está claro que o DRP, ou qualquer outro enfoque participativo para o desenvolvimento, não é uma venda para encobrir os velhos conceitos e enfoques fracassados. Dizer simplesmente “primeiro faremos o DRP e logo poderemos transferir a tecnologia” não é uma opção. Nem tampouco que os membros de uma comunidade digam: “participaremos de seu DRP para recebermos a semente e os subsídios gratuitos.” Ambos os grupos têm que adaptar-se a diferentes leis, processos e relações.

Até onde leva tudo isto? Por que é tão crucial que os agentes externos não impeçam que a população local faça suas próprias investigações e análises, que efetivamente as realizem - e que isso deve ser levado em conta pelos níveis de decisão e de política? O DRP proporciona uma estratégia para reforçar o poder local e o desenvolvimento sustentável? É viável em grande escala? Muitas dessas perguntas estão sendo respondidas com a prática.

Alcançamos um ponto crítico na história da humanidade. Nós, como profissionais do desenvolvimento, enfrentamos enormes desafios nesse período de mudanças sem precedentes. Números crescentes de pessoas vivem na pobreza absoluta, com pouca influência sobre suas vidas e, ao que parece, com poucas possibilidades de melhorar sua situação. Os problemas ambientais comprometem os sistemas vitais, dos quais todos dependemos. Com a suspensão generalizada dos esforços governamentais para o desenvolvimento em todo o mundo, as comunidades locais constituem o ponto de onde terão que começar muitas mudanças. O DRP poderá ajudar a gerar informação pertinente de maneira mais rápida, auxiliando a tomar decisões mais acertadas sobre o que cada um pode fazer para contribuir nas soluções. O DRP poderá ajudar a facilitar a análise e o planejamento locais, dentro das comunidades e por elas. Neste aspecto é possível avançar muito, inclusive sem buscar recursos externos.

Nenhum enfoque poderá alcançar tudo, nem deve tentá-lo, porém, ambos poderão realizar um trabalho significativo.

São bem-vindos os comentários do leitor sobre as interrogações levantadas neste artigo e suas próprias experiências com o DRP. As informações que compartilham é que alimentam as redes sobre o DRP, nas quais os autores têm uma participação ativa.

Redes de DRP e Contatos

Em muitos países formaram-se redes de DRP. Algumas estão produzindo boletins, outras têm informes interessantes. Relacionamos neste texto as que conhecemos e sabemos que têm interesse em compartilhar informações. Para aumentar esta lista, favor enviar dados para: J.Skepper – Steverson, IDS, University of Sussex, Brighton BN, Reino Unido.

BANGLADESH – Dee Jupp, c/o Swiss Development Cooperacion(SCD), House B31, Road 18 Banani, Dhaka. Tel – 880-2-500927 e fax 880-2-883497

BOLIVIA – Fernando Dick - Coordinator of Research and Development Programs (DPIP) Universidad Nur Ave. Bánzer no. 100 – Casilha 3273 santa Cruz tel – 591-3-363939 fax 591-3- 331850 e mail - dpid@nur.bo

FILANDIA – KEPA Attn. PRA Network, Fredrionkatu63A 8,00100 Helsinld 358-0-6944233; fax 358-0-6941785

INDIA – Sam Joseph , Action Aid,3 Resthouse Road, Bangalore, 560.001

tel -91 80558 6682; fax 91-80-558 8284 Coordinador Tamil Nudu Ressource Tean TNRT Kalajium, 59^A1 Chenglavarayan St. Madras 600 012 tel 9144-4821897

INDONÉSIA – Mary Ann Kisgley, Wold Education, Jalan Tebet Dalam IV F/75, Jakarta, 12810. tel/fax 62-21 8291026 – Como contato inicial pode mandar as consultas a outros atores

KENYA – Particitory Methodology Forum of Kenya – PANFORK –c/o P.ºBox 58684, nairobi. Tel 254-2-447382; fax 254-2-442136

MEXICO – Alfonso González Martínez, Programa de manejo participativo de recursos naturais del Grupo de Estudios Ambientais. A . C. Allende 7, Sta. Ursula Coapa, D. F.

CP 04650 Mexico tel/fax 52-5-6171657 en Ciudad de Mexico

MOZAMBIQUE - Daniel Owen, The World Bank Resident Misssion, Caixa Postal 4053, Maputo tel 258- 1- 492841/51/61/71; fax – 258 – 1 – 492893

NAMIBIA – Stepenhn Lawry, The Ford Foundation, P.º Box 20614, Windhoek tel 264-61-239133; fax 264-61239060

NEPAL – Anuçam Bhatia , Regional coordinator, Participatory Natural Resources Management Programme, International Centre for Integrated Mountain Development, G.P. O. Box 3226, Kathmandu - tel 977-1-525313; fax – 977-1-524509 Interessados nos enfoques participativos nas regiões montanhosas da Índia, Paquistão, China, Bangladesh, Myanmar, e Afhanistán.

SOUTH AFRICA – Midnet PRA interest group, P. ° Box 101045, Scoltsville, Pietemaritzburg – 3209 tel 27-331-457; fax 27-331- 455106 National Rural Development Forum, P. ° Box 32434, Braamfontein, 2017 tel 27-11-3395412; fax 27-11-3391440.

SRI LANKA – Msallika Samaranayake, Intercooperation, 92/2 D S Senayaka Mawatha, Colombo 8. Tel/fax – 94 -1- 691215

REINO UNIDO – Institute of Development Studies at University of Sussex, Brighton, Bn1 9RE tel 44-1273- 678490; fax 44-1273-821202 – Sustentable Agriculture Programme, IIED, 3 Endslelch St. Londos WC1H ODD tel 44-171-3882117; fax 44-171-3882826.